

O Tempo de Comunicação dos Alunos

Maria Manuela G. Avelar dos Santos

1 – Introdução

Tendo por base um documento analisado na oficina de formação «Organização social das aprendizagens» que apresenta uma gestão do trabalho em cinco tempos diferentes, a saber, o «tempo da planificação e da avaliação» que é transversal, o «tempo de trabalho nos projectos dos alunos», o «tempo de comunicação dos alunos», o «tempo de comunicação do professor» e o «tempo de estudo autónomo», tentaremos reflectir sobre o «tempo de comunicação dos alunos».

Organizaremos este texto em dois momentos, um mais reflexivo e outro mais descritivo, no qual tentaremos explicar a utilização de certos materiais e demonstrar de que forma a nossa prática tem sido palco das preocupações/reflexões primeiramente enunciadas.

Como não podia deixar de ser, o facto de darmos especial importância à questão da comunicação, não invalida que nos refiramos também aos restantes tempos de aprendizagem, de forma a contextualizar as situações apresentadas e a clarificar todo o processo de aprendizagem.

2 – Reflexão sobre o «tempo de comunicação dos alunos»

Convém, num primeiro momento, clarificar as razões da escolha deste «tempo» de entre os cinco acima referidos, como aspecto central da reflexão. Desde o início do presente

ano lectivo que se nos tornou mais evidente a questão da organização social das aprendizagens. Isto porque, e a experiência assim nos tem revelado, é de extrema importância implicar os alunos na gestão do trabalho na sala de aula. Se o professor pretende levar os alunos a adquirir uma crescente autonomia relativamente à aprendizagem, terá que se consciencializar e de os consciencializar da importância da gestão cooperada do trabalho, ou seja, os alunos devem ter um papel activo na planificação. Quer isto dizer que eles têm de saber em primeiro lugar:

- o que há para fazer (o Programa)
- como podem fazer (estratégias/actividades)
- como se vão organizar (em grupo, a pares, etc.)
- o tempo de que dispõem
- a forma de divulgação do trabalho realizado.

Tudo isto acontece sob a forma de negociação entre a professora e os alunos, havendo no início um papel mais activo por parte da professora. Mas à medida que os alunos vão experimentando um trabalho mais autónomo, também vão assumindo um protagonismo maior na planificação e regulação de todo o trabalho. Contudo, e para passarmos ao cerne da questão, convém explicitar as razões que nos levaram a optar por este tempo como ponto central da reflexão.

Ao longo dos vários anos de prática lectiva, temos procurado desenvolver um trabalho que conduza os alunos a uma progressiva autonomia, construindo com eles sequências de aprendizagem através das quais possam desenvolver as competências básicas do Programa de Língua Portuguesa. Contudo, se temos verificado alguns progressos ao nível da planificação de projectos e no que respeita ao tempo da realização desses mesmos projectos, nem sempre tem sido fácil criar situações de socialização em que se verifique uma efectiva partilha das aprendizagens com a turma. O que se verificava e verifica ainda, é que o tempo que é despendido nas comunicações nem sempre contribui para melhorar a aprendizagem do grupo/turma. Esta foi uma das questões que problematizámos no início do ano lectivo e para a qual tentámos encontrar possíveis respostas através da experimentação e, sobretudo, através da reflexão conjunta que ocorreu não só nesta oficina de formação, mas também em situação de seminário no âmbito do trabalho de orientação de estágio no qual estamos envolvidos.

Um dos aspectos que foi necessário clarificar com os alunos, sobretudo nos momentos de avaliação do trabalho desenvolvido, foi a importância e os objectivos da partilha de aprendizagens com a turma.

Muitas vezes, os alunos quando apresentam trabalhos, mesmo nas aulas de tipo mais «tradicional», têm a sensação de que estão a comunicar para a professora e a turma é apenas espectadora, ou quando muito, «juiz auxiliar» do professor, que deve avaliar o trabalho. Se observarmos a atitude dos alunos, verificamos por exemplo que quando apresentam um trabalho olham sobretudo para o professor ou interpelam-no apenas a ele, ignorando o grupo turma. O que é importante é que o professor oiça e veja o trabalho que foi realizado. Talvez por isso compreendamos tão bem a relutância de muitos colegas em permitir a intervenção dos alunos na sala de aula, considerando-a uma perda de tempo. É frequente também surgirem

muitas dificuldades a nível disciplinar aquando das comunicações. Torna-se então necessário, como referimos anteriormente, clarificar alguns aspectos relativos à comunicação:

- O que comunicar?
- Comunicar para quê?
- Como comunicar?
- Comunicar em que tempo?

É necessário determinar muito bem o que vai ser comunicado à turma.

Temos procurado consciencializar os alunos para a necessidade de «revestir» o conteúdo da comunicação de forma a que esta possa despertar o interesse do público a que se destina. Por outro lado, é necessário clarificar junto de quem comunica o que se pretende fazer aprender com a comunicação. Neste sentido, é preciso um diálogo constante com o Programa.

A questão do «como» é muito importante. e uma vez que tudo tem de ser trabalhado na aula, surgem as técnicas de comunicação que devem ser adaptadas à especificidade de cada comunicação. Para isso, torna-se necessária a existência de tempo no seio do grupo de trabalho para a discussão dos modos de comunicar. Muitas vezes, a atitude do professor é determinante para que a comunicação não se realize da melhor forma, porque não atribuímos importância à reflexão sobre modos de comunicar. Preocupamo-nos mais com a produção, talvez porque é mais visível e quantificável, do que com a organização da comunicação. Já nos aconteceu termos dito aos alunos que numa determinada aula não fizeram nada. Posteriormente, a reflexão conjunta com o grupo em questão, levou-nos a concluir que a referida aula foi tão ou mais produtiva do que as restantes, porque se esteve a preparar a comunicação à turma. É neste contexto que podemos falar de um currículo oculto, invisível para os desatentos.

Ainda no âmbito do «como», importa salientar a importância da experimentação e da avaliação.

É na avaliação do trabalho realizado que os alunos melhor se apercebem do que poderia

ter sido feito para melhorar a comunicação e a partir daí tentam aplicar essas aprendizagens a outras situações. Cabe ao professor encarar a avaliação como um processo de formação em que nada é absoluto e definitivo, sendo sempre possível aperfeiçoar competências. Saliente-se a importância das assembleias de turma para aferir todos estes aspectos, sempre numa perspectiva formadora.

É óbvio que este é um processo muito lento, porque, à semelhança do que referiu o professor Sérgio Niza em Évora (1998), não é tanto a questão da técnica que importa, mas a atitude do professor enquanto co-responsável pela aprendizagem dos alunos, e, por isso, terá que ter ocorrido já um certo percurso para que o aluno acredite que de facto assim é.

O tempo para comunicar deverá ser adequado ao tipo de comunicação a realizar. Para isso, o professor deve reflectir em conjunto com os seus alunos, colocando-os na pele do público da comunicação que irá ser realizada.

A preparação da comunicação inicia-se logo no momento do tratamento e da selecção de informação.

Quando um aluno faz uma pesquisa sobre um período histórico, o que interessa é a forma como esse conhecimento pode ser usado para se compreender melhor uma obra. Logo, é o trabalho de selecção e tratamento da informação que vai determinar a eficácia da comunicação.

No tempo das comunicações, é necessário gerir com os alunos a questão da duração da comunicação e as formas de comunicar. Neste sentido, torna-se indispensável reflectir e construir materiais que tornem a comunicação mais eficaz. Para além da explicitação que o professor poderá fazer, há que investir também na diversificação de formas de comunicação aquando do tempo de comunicação pelo professor, dado o efeito mimético que essas formas têm nos alunos.

Tudo o que acima foi exposto poderá até ser aceite teoricamente, mas poder-se-ão levantar algumas questões de ordem mais prá-

tica que constituam um entrave à concretização do que referimos. Um desses aspectos prende-se com o tempo de que o professor necessita para estar com os grupos de trabalho. Neste sentido, uma planificação cada vez mais partilhada leva os alunos a consciencializarem-se de todo o processo de aprendizagem que está a decorrer e a assumirem uma atitude mais responsável face ao mesmo. A regulação do trabalho por parte do professor é muito importante não só para obter informação acerca do desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, mas também para que os alunos se sintam cada vez mais comprometidos com o processo de aprendizagem. Em relação à regulação do trabalho, temos utilizado alguns materiais em que os alunos planificam a sua comunicação tendo em conta o que vão comunicar, como vão comunicar, os recursos e o tempo de que necessitam. A partir de um documento deste tipo, o professor e os grupos, ficam com uma ideia do trabalho que há para realizar e podem, em conjunto, fazer as reformulações necessárias até ao momento da comunicação.

Um outro aspecto a que temos procurado dar resposta prende-se com a diversidade das comunicações. Até certo momento, apostámos sempre num tipo de socialização do trabalho realizado que tem privilegiado a comunicação oral, muitas vezes sob a forma de dramatização. A partir de certa altura, e devido a problemas que surgiram, como a questão da repetição de formas de comunicação, procurámos investir na diversificação dos modos de comunicar, dando algumas sugestões e aproveitando muito as sugestões dos alunos. Assim, de acordo com o tipo de trabalho realizado, procurou-se comunicar utilizando actividades ora de oralidade, ora de leitura, ora de escrita.

A reflexão acerca da nossa prática ao longo dos vários anos de trabalho na escola tem-nos levado a questionar todos os modos de fazer numa tentativa de perceber como é que os alunos aprendem mais e melhor. Julgamos que essa deve ser a nossa principal preocupação.

Também acerca das comunicações nos temos questionado não tanto do ponto de vista de quem comunica, mas do ponto de vista dos destinatários da comunicação. Se a prática já provou que os alunos que preparam as comunicações e as realizam adquirem muito mais competências do que numa situação em que é apenas o professor que comunica, porque sentem as dificuldades uns dos outros, e tentam superá-las em cooperação, a mesma certeza já não temos em relação aos destinatários das comunicações. São vários os factores que poderão estar na origem deste acontecimento. Por um lado, os alunos estão habituados a confiar mais na comunicação do professor e consideram que a comunicação dos colegas não se destina a favorecer a sua aprendizagem mas a dar provas ao professor do trabalho realizado por eles. Por outro lado, as comunicações muitas vezes não são bem preparadas e os alunos acabam por «desligar». Numa tentativa de dar resposta a estes problemas tentámos, multiplicar os momentos de comunicação e diversificá-los quanto ao seu tipo e quanto ao tempo utilizado. Tentámos também envolver ao máximo todos os alunos nas comunicações, planificando situações de comunicação interactivas, nas quais os destinatários tivessem que contribuir para o desenvolvimento do trabalho e adquirissem, progressivamente, a consciência do que estão a aprender.

Podemos concluir, nesta primeira parte, que o tempo de comunicação dos alunos é um tempo que tem de ser muito contemplado na planificação e na avaliação do trabalho realizado. Não se pode permitir que a comunicação se faça de forma intuitiva, antes tem que ser estruturada em função de critérios de avaliação muito negociados com todos os intervenientes da comunicação. Só desta forma se valorizará o tempo da comunicação, entendido como um dos recursos mais importantes da aprendizagem, tal como o tempo de trabalho nos projectos ou o tempo de estudo autónomo.

3 – Apresentação de materiais e descrição de práticas

Doc. 1 e 2

Estes documentos foram dados aos alunos no início de algumas sequências que pusemos em prática ao longo do corrente ano lectivo. O documento 1 e o documento 2 prevêm a realização de trabalho em grupo e individualmente. O documento 3 não faz nenhuma referência à organização do trabalho porque se supõe que no final do ano lectivo os alunos já tenham adquirido autonomia para poderem resolver como querem trabalhar e com quem.

Se repararmos, o documento 1 é um guião muito mais orientado do que os restantes porque foi posto em prática no início do ano lectivo. Como se pode verificar, é ainda a professora que planifica e os alunos limitam-se quase a cumprir tarefas. No segundo documento, a professora desafia os alunos para seleccionarem actividades e planificarem o seu trabalho, gerindo o tempo da forma que considerarem mais adequada. No terceiro documento, a professora apenas alerta para a necessidade de planificar o trabalho tendo em conta o que não foi estudado até àquele momento. Se observarmos atentamente a organização do trabalho em relação ao tempo, concluímos que nos dois primeiros documentos se esclarece qual o tempo para trabalhar em grupo e individualmente, bem como o tempo para a comunicação, e que no terceiro documento há apenas a indicação do tempo total para a realização da sequência (12 aulas). Isto supõe igualmente uma maior autonomia do aluno, pois será ele quem decide quando vai trabalhar em grupo ou individualmente e quanto tempo vai despendar na preparação e também na comunicação.

Doc. 3

O documento 3 é uma ficha de planificação que teve como objectivo levar os alunos a tomarem consciência da importância de planificar o seu trabalho de forma a contribuir para

LÍNGUA PORTUGUESA - Profª Manuela Avelar Santos
SEQUÊNCIA DE APRENDIZAGEM: PATRIMÓNIO TRADICIONAL E ORAL

No final desta sequência deves **SABER**:

Distinguir diversos tipos de textos do Património Tradicional e Oral: fábulas, lendas, contos populares, romances, lengalengas, cantares, rimas, trava-línguas, provérbios.

TRABALHO A REALIZAR INDIVIDUALMENTE:

- Ler silenciosamente os textos fornecidos pela professora ao grupo
- Realizar um questionário de leitura orientada para um texto - mínimo 8 questões (o questionário deve conter as soluções)
- Responder ao questionário elaborado por um dos colegas do grupo
- Corrigir o questionário a que o colega respondeu
- Resumir ou escrever a continuação de um dos textos lidos
- Escrever uma notícia (Por exemplo a partir de uma fábula) ou um texto de opinião a partir de um texto lido
- Ler um texto escrito por um colega do grupo e dar a sua opinião
- Recolher outros textos do Património Tradicional e Oral (Entrevistar familiares e pessoas idosas; pesquisar na Biblioteca)

Sugestões Bibliográficas:

COELHO, ADOLFO. (1985) - *Contos Populares Portugueses*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
CORTES-RODRIGUES, ARMANDO. (1982) - *Cancioneiro Geral dos Açores*, Região Autónoma dos Açores, Direcção Regional dos Assuntos Culturais.
GARRETT, ALMEIDA. (1983) - *Romanceiro*, Lisboa, Editorial Estampa.
MARQUES, GENTIL. (1997) - *Lendas de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores.
PEDROSO, CONSIGLIERI. (1992) - *Contos Populares Portugueses*, Lisboa, Veja.
PHILIP, NEIL. (1996) - *Livro Ilustrado de Mitos*, Lisboa, Círculo de Leitores.
RESENDE, GARCIA DE. (1994) - *Antologia do Cancioneiro Geral*, Ulisseia.

Nota: não esquecer de incluir todas as produções na Capa do PIT e de fazer o registo

TEMPO: 5 AULAS

TRABALHO A REALIZAR EM GRUPO:

- Seleccionar um dos textos lidos e preparar a recitação à turma (a recitação pode ser gravada em cassete)
- Seleccionar um outro texto e transformá-lo em texto dramático (fazer as alterações necessárias para que o texto seja dramatizado: passar o discurso indirecto a directo; suprimir ou acrescentar personagens e diálogos; preparar adereços, música, etc.)
- Preparar a dramatização (FORA DA SALA DE AULA)

TEMPO: 2 AULAS + 15 MINUTOS PARA CADA COMUNICAÇÃO

ESCOLA BÁSICA 2,3 ARISTIDES DE SOUSA MENDES
LÍNGUA PORTUGUESA
7º ANO
PLANIFICAÇÃO DO TRABALHO A REALIZAR EM MAIO / JUNHO

Nesta última sequência, **planifica** o trabalho que pretendes realizar **individualmente** e em **grupo** durante aproximadamente **12 aulas**.

Deves realizar preferencialmente actividades que ainda não tenhas experimentado ou em que sintas mais dificuldades e, como é habitual, deves tentar abranger todos os **domínios do Programa**.

SUGESTÕES:

Ouvir/Falar:

- Ler um poema de forma expressiva
- Dramatizar o texto dramático que escreveste em grupo
- Apresentar uma pesquisa sobre um poeta ou outro autor à tua escolha
- Apresentar um trabalho sobre um tema do teu agrado e que também possa suscitar o interesse da turma
- Desencadear um debate sobre um tema de interesse geral
- Ouvir textos gravados (a partir dos quais se poderão fazer resumos ou outros trabalhos de escrita)

Escrever:

- Escrever poemas
- Escrever sobre temas de gosto pessoal
- Escrever diferentes tipos de cartas
- Escrever uma biografia e/ou uma autobiografia
- Escrever um retrato e/ou um auto-retrato
- Escrever um regulamento (ex: do funcionamento do grupo/ da turma)
- Aperfeiçoar textos c/ a professora ou com os colegas Utilizar um código de correcção para reescrever textos
- Fazer fichas de registo de livros ou de leituras
- Fazer esquemas a partir da leitura de textos informativos
- Fazer um índice
- Fazer uma bibliografia

Ler:

- Ler poemas e distinguir vários tipos de poemas
- Recitar textos memorizados
- Ler textos do manual ou dos dossiers
- Responder a questionários sobre textos
- Elaborar questionários
- Fazer o levantamento de campos lexicais
- Estudar as características do texto poético (p. 288 do manual)
- Estudar as características do texto dramático (p. 275 do manual)

Funcionamento da Língua:

- Estudar conteúdos gramaticais do manual
- Realizar exercícios (Fichas auto-correctivas)
- Elaborar fichas de trabalho
- Escrever textos de aplicação de conhecimentos adquiridos

Para que possas aprender mais e melhor não te esqueças de:

⇒ **PLANIFICAR, REGISTAR E AVALIAR** o teu trabalho em cada aula!

BOM TRABALHO!

Com base no que o Programa de Língua Portuguesa propõe para os diversos Domínios, tendo em conta as propostas contidas no dossier fornecido pela professora e os teus interesses, planifica o trabalho que pretendes realizar ao longo das aulas previstas para a sequência sobre a narrativa:

OUVIR/FALAR	INDIVIDUALMENTE	EM GRUPO
• expor e justificar pontos de vista • Relatar experiências • Recontar textos lidos • Contar histórias alterando a ordem dos acontecimentos • Improvisar situações do quotidiano ou imaginadas • Dramatizar narrativas ou outros textos próprios ou alheios • Fazer uma exposição • Fazer entrevistas • Fazer um debate • Fazer um brain-storming		

ESCREVER	INDIVIDUALMENTE	EM GRUPO
• Escrever textos sobre temas de gosto pessoal • Escrever textos narrativos • Escrever textos descritivos • Escrever resumos • escrever cartas • Escrever poemas • Escrever biobibliografias • Escrever guiões de entrevista • Elaborar retratos/ auto-retrato • Escrever textos de informação • Escrever textos de opinião • Elaborar um plano de trabalho • Elaborar índices/sumários • Elaborar glossários • Elaborar regulamentos • Aperfeiçoar textos • Divulgar escritos		

LER	INDIVIDUALMENTE	EM GRUPO
• Interpretar ilustrações de capa • Fazer inferências a partir de dados textuais: • Interpretar em grupo partes de uma obra após leitura prévia global • Produzir e utilizar guiões de leitura sobre os aspectos mais significativos da obra • Ler na pista de pormenores • Ler narrativas integrais • Ler textos da comunicação social • Ler poemas • Ler textos escritos pelos colegas • Imaginar possibilidades narrativas sugeridas por títulos • Prever acontecimentos ou antecipar o desenlace em narrativas • Identificar os acontecimentos principais e os secundários numa narrativa • Relacionar a ordem real dos acontecimentos com a ordem textual • Localizar a acção no espaço e no tempo • Descobrir características de personagens • Descobrir características do narrador • Distinguir narração/descrição/monólogo • Seleccionar e organizar informação • Organizar dossiers temáticos		

OBSERVAÇÕES:

BOM TRABALHO!

LÍNGUA PORTUGUESA - Profª Manuela Avelar Santos
FICHA DE REGISTO E DE AVALIAÇÃO DO TRABALHO REALIZADO

Nome : _____ N.º _____ Ano/Turma: _____

Textos/livros lidos	Data	Gostei/ Não gostei	Porquê

Produção escrita	N.º de linhas	Aperfeiçoamento	Gostei/ Não gostei	Auto-avaliação

Funcionamento da Língua (n.º da ficha)	Certas	Erradas	Fácil/ Difícil

Pesquisas/Recolhas	Data	Origem

Trabalho realizado em grupo	Data	Auto-Avaliação	Hetero-Avaliação

Outros trabalhos	Data	Auto-avaliação

Comunicações	Data	Auto-avaliação

Observações do (a) aluno(a):	Data:

Documento 4

ESCOLA BÁSICA 2,3 ARISTIDES DE SOUSA MENDES
LÍNGUA POTUGUESA - 7º ANO
Profª Manuela Avelar Santos
FICHA DE REGISTO DO TRABALHO DIÁRIO REALIZADO
DATA: 19/5

Nº	NOME	Trabalho realizado	Auto-avaliação	Avaliação- Profª	Observações
1	Ana	teste / leitura	B	B	c/ a Mónica
2	André	Prophema TV	S	S+	em grupo. Evitar perder tempo
3	Bruno	Falton			
4	Crisólita	Poema		S	Perdeu tempo. Andou em pé
5	Déborah	Leu poemas	S	S-	Perdeu tempo.
7	Fábio	poema (início)		N.S.	Não fez nada.
8	Hugo	poema (início)		N.S.	Não fez nada.
9	Joana	Func. da Ung.		S-	Perdeu muito tempo na obração
10	J. Crespo	Func. da Ung.		S+	Deu ser + rápido
11	J. Gomes	Prophema TV	S+	S+	em grupo; evitar perder tempo; dividir tarefas
12	J. Nunes	Resumo de trabalhos sobre a preta	S+	S+	c/ o Jorge;
13	Jorge	" "	S+	"	c/ o J. Nunes;
14	Liliana	texto dramático	S	S	evitar perder tempo
15	Rosário	" "	S+	S	"
16	Mário	texto dramático		S+	Aproveitou bem o tempo
17	Marlene	Carta	S.H.	S	Evitar perder tempo e ler o trabalho a sério
18	Michèle	texto dramático	S	S	evitar perder tempo
19	Mickael	Prophema TV	S B	S+	em grupo. Evitar perder tempo; dividir tarefas
20	Miriam	Teste / leitura de um conto	B	B	em grupo
21	Mónica	Teste / leitura	B	B	c/ a Ana;
22	Sara	Teste / leitura	S B	B	em grupo
23	Sérgio F.	Resumo / Carta		S-	Perdeu tempo; não se viu trabalho feito
24	S. Pinheiro	Prophema TV		S+	em grupo; não perder tempo; não brincar
25	Sheila	Texto dramático	S+	S+	em grupo.
26	Tânia	Teste / leitura conto	B-	B	em grupo
27	Telma	Carta	NÃO S.	S	Perdeu tempo / ler + trabalhando na escrita
28	Tiago	Teste / leitura	B	B	em grupo

(Assinatura)

uma gradual autonomia. O que se verificou foi que muitos alunos não preencheram esta ficha, limitando-se a fazer o registo do trabalho realizado. Aqueles que planificaram o trabalho, aula a aula ou todas as aulas de seguida, conseguiram realizar um trabalho mais coerente, perderam menos tempo e não precisaram tanto da orientação da professora. Este documento também foi útil à professora, na medida em que podia apoiar mais os alunos, dependendo do conhecimento que ia tendo do que eles pensavam fazer.

O documento prevê uma planificação a partir do diálogo entre o Programa, os interesses e as necessidades dos alunos.

Doc. 4 e 5

Os documentos 4 e 5 são fichas de registo e de avaliação que permitiram aos alunos e à professora ter uma visão clara do trabalho que foi sendo realizado. Foi este o principal instrumento de regulação do Plano Individual dos alunos.

O documento 5 serviu para que os alunos e a professora tivessem uma visão do trabalho realizado aula a aula, isto já numa fase final do ano lectivo, em que os alunos trabalharam quase exclusivamente em «oficina».

Doc. 6 e 7

O documento 6 foi utilizado para planificar as comunicações. Através deste documento foi mais fácil a regulação das planificações pois os alunos puderam organizar melhor as suas ideias e a professora pôde ajudá-los a preparar as comunicações. Esta ficha serviu de ponto de partida para a reflexão acerca da gestão do tempo de comunicação dos alunos.

O documento 7 foi afixado na sala de aula e serviu como ficha de inscrição para as comunicações. Através destes documentos, os alunos puderam verificar a natureza da comunicação, os seus dinamizadores e o tempo.

Doc. 8

Este documento foi utilizado numa assembleia de turma para esclarecer o que tinha sido cumprido do Programa através da sequência anteriormente realizada.

Doc. 9 e 10

Estes documentos foram elaborados pelos alunos na sequência de comunicações à turma. Chamou-se a atenção dos alunos para a importância de preverem a participação da turma durante as suas comunicações. Deste modo, os grupos de trabalho, nas comunicações, intercalaram momentos de intervenção, com momentos de interacção com a turma, nos quais propuseram a realização de determinadas actividades planificadas por eles.

Doc. 11

Este documento é uma ficha de avaliação que foi utilizada no final da sequência e que teve como objectivo levar os alunos a reflectir acerca do trabalho realizado.

Serviu simultaneamente para os alunos avaliarem o seu desempenho na realização de um projecto e também para os consciencializar acerca dos vários momentos que constituíram o trabalho de forma a reflectirem sobre o modo como participaram em cada um deles.

4 – Conclusão

Este trabalho revelou algumas das nossas preocupações relativamente à organização social das aprendizagens. O que acima foi referido corre o risco de surgir descontextualizado, no entanto, mesmo que houvesse da nossa parte uma maior capacidade de análise e de reflexão, o nosso trabalho não conseguiria revelar o que só pode ser apreendido através da vivência que ocorre dentro da sala de aula, no universo muito especial das tensões vividas pela «fratria» que é constituída pela turma e a sua professora.

ESCOLA BÁSICA 2.3 ARISTIDES DE SOUSA MENDES
Planificação das Comunicações à Turma - SEQUÊNCIA SOBRE A NARRATIVA INTEGRAL

GRUPO GLIANA Michele Rosario Sheila

O que vão comunicar	Como vão comunicar	Recursos/materiais que vão utilizar
5 Desfile (a descrevem os personagens)	Um(a) a desfilam e a outra a descrevem os personagens fisicamente e psicológicamente.	noivos, Tarrete acessórios.
10 Representação do texto de Lourenço		
5 Perguntas sobre os personagens	Das personagens do texto de Lourenço a fazer perguntas sobre o texto de "Lourenço"	

Documento 6

SEQUÊNCIA DE APRENDIZAGEM SOBRE A NARRATIVA
Planificação das actividades do domínio OUVIR/FALAR - 7ºD

ACTIVIDADE A REALIZAR	DINAMIZADOR(ES)	DATA PREVISTA
Recanto da narrativa A Estrela de Virgílio	Mário	99-3-5
Fez uma Recanto da narrativa A Estrela de Virgílio	região e José	99-3-9
verso da estrela	João e João	99-3-15
Leitura de um texto	Fátima	99-3-16
Pergunta: Virgílio Ferreira "A Estrela"	João Gomes Mário	99-3-16 99-3-17
Pesquisa de Manuscrito XURCENAR	Américo	18-3-99
Poema "A canção de Lourenço"	Sheila	17-3-99
Pesquisa de Virgílio Ferreira	João Gomes região e José	17-3-99 22-3-99
Pesquisa sobre José Régio	região Mário e Américo	19-3-99

OBSERVAÇÕES:

Documento 7

O que cumprimos do Programa com a Sequência de Aprendizagem sobre o *Património Tradicional e Oral*:

OUVIR/FALAR

- Recolher, reproduzir ou recriar produções do Património Literário Oral

LER

- Ler e ouvir ler textos próprios ou de outros alunos
- trocar impressões sobre leituras feitas
- produzir ou utilizar guiões de leitura
- exprimir opiniões pessoais sobre textos lidos
- ler expressivamente textos em prosa ou em verso
- dramatizar textos próprios ou de outros autores

ESCREVER

- escrever narrativas ou textos dramáticos a partir da leitura de textos
- escrever resumos
- escrever notícias
- escrever contos
- escrever biografias
- praticar o aperfeiçoamento de textos

Documento 8

Questionário sobre o livro Sexta -Feira ou a Vida Selvagem Página 39-51

- 1- Alguma vez Robinson fora vaidoso? Retira um expressão do texto que justifique a tua Resposta .
- 2- Quais as mudanças físicas efectuadas em Robinson ?
- 3- Porque é que Robinson já não conseguia sorrir ?
- 4- Como era o dia-a-dia de Robinson ?
- 5- Onde é que Robinson passava os dias e noites ?
- 6- Como se chamava a ilha onde Robinson habitava ?
- 7- Porque é que Robinson escrevia nas paredes das grutas ?
- 8- Mas , Robinson ficou preocupado por ter escrito nas paredes das grutas. Porquê ?
- 9- Robinson ia dar início a uma tarefa quando de repente teve um estremecimento de surpresa . Porquê ?
- 10- Achas que os costumes de Sexta-feira eram iguais aos de Robinson ? justifica .
- 11- O que aconteceu ao evasão ?

Luis Amador ; João Tomé ; Tiago Ventura ; Fernando Freitas

Documento 9

Página 100 - 111

Ordena as frases de acordo com a sequência das páginas do livro.

1. Robinson começara a mostrar a ilha a *Hunter* e passado algum tempo um marinheiro encontra duas moedas de ouro, no local onde antigamente se erguia o barco da *Speranza*.
2. Depois do almoço *Hunter* retirou-se para a sua cabina e Joseph mostrou o sextante, um novo instrumento de navegação.
3. Robinson acordara muito cedo para ver Sexta-feira, mas ficou muito surpreendido quando não o encontra na sua rede, por isso desespera e procura razões do seu desaparecimento.
4. *Whitebird* parou junto à ilha e de lá saiu o comandante *William Hunter* que cumprimentou Robinson. Informou também que estavam a 22 de Dezembro de 1787 e que, portanto, Robinson tinha 50 anos e que permanecia naquela ilha à 28 anos.
5. *Whitebird* levava da ilha algumas frutas, legumes e caça. Os homens de *Hunter* aguardavam ordens para uma Segunda viagem quando este convida Robinson para almoçar.
6. Daí em diante Robinson passou a chamar-lhe *Domingo*, já que era o dia das festas, dos risos e dos jogos.
7. Enquanto Sexta-feira colhia flores por entre os rochedos, avistou um elegante navio que se dirigia para a costa pantanosa da ilha. Depressa foi avisar Robinson do que tinha visto
8. Robinson, enquanto descansava, compreendia que nunca seria capaz de trocar *Speranza*, pela civilização.
9. Quando Robinson entrou no barco encontrou Sexta-feira radiante e parecia já conhecer o navio melhor que ninguém, pois adorava tudo o que estava relacionado com o ar e para ele o barco era como um transporte aéreo maravilhoso.
10. Depois do almoço *Hunter* retirou-se para a sua cabina e Joseph mostrou o sextante, um novo instrumento de navegação.
11. Robinson, enquanto descansava, compreendia que nunca seria capaz de trocar *Speranza*, pela civilização.
12. Robinson sentiu-se aliviado quando colocou de novo os pés na ilha, pois os homens do *Whitebird* haviam trazido a *Speranza* a desordem e a destruição.
13. Robinson acordara muito cedo para ver Sexta-feira, mas ficou muito surpreendido quando não o encontra na sua rede, por isso desespera e procura razões do seu desaparecimento.
14. Enquanto procurava Sexta-feira, Robinson encontrou o grumete do *Whitebird* que lhe explicara o desaparecimento do seu amigo.
15. Daí em diante Robinson passou a chamar-lhe *Domingo*, já que era o dia das festas, dos risos e dos jogos.

ESCOLA BÁSICA 2,3 ARISTIDES DE SOUSA MENDES - LÍNGUA PORTUGUESA
FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO DA SEQUÊNCIA DE APRENDIZAGEM SOBRE A OBRA
SEXTA-FEIRA OU A VIDA SELVAGEM DE MICHEL TOURNIER
 Profª Manuela Avelar Santos

Nome: Carla Nº 3 Ano/ turma: 8ª

Escreve um texto no qual reflectas acerca do modo como decorreu a sequência de aprendizagem sobre a obra de leitura orientada, *Sexta-Feira ou a Vida Selvagem*. Para redigires o texto, baseia-te nos tópicos a seguir apresentados:

- A tua participação e a dos colegas do teu grupo na realização do trabalho (se uns participaram mais ou menos que outros e porquê).
- Os problemas/dificuldades que surgiram aquando da realização do trabalho.
- A gestão do tempo (se o tempo foi suficiente; se foi bem aproveitado).
- A qualidade do trabalho (se o que comunicaram estava bem preparado; se os colegas puderam aprender mais com o vosso trabalho).
- A forma como o trabalho foi apresentado (a clareza da comunicação e a eficácia dos materiais produzidos pelo grupo).
- Os critérios de avaliação estabelecidos (se a profª clarificou o que se pretendia; se o grupo realizou o trabalho em função dos critérios estabelecidos).
- O acompanhamento dado pela professora (se foi suficiente; se ajudou a resolver problemas).
- O que aprendeste com o trabalho.
- As vantagens, desvantagens e dificuldades de trabalhar em cooperação.
- A importância da avaliação do trabalho realizado.
- Aspectos a melhorar.
- Proposta de classificação

Eu penso que em relação a participação dos elementos do grupo na realização deste trabalho foi equilibrada. No longo deste ano eu e os meus colegas de grupo aprendemos a trabalhar em conjunto. A maior dificuldade que surgiu foi a de optar pelas actividades apresentadas à Turma. O tempo poderia ter sido melhor gerido, e talvez ter elaborado mais actividades. O trabalho em questão ajudou a perceber mais este tipo de semelhança formal de vida e informal. Este trabalho foi apresentado com clareza e os materiais foram adequados. O grupo percebeu plenamente o que a profª pretendia e tentou trabalhar segundo os critérios estabelecidos. O acompanhamento dado pela Profª foi suficiente e eficaz. Ajudou-nos em muitas coisas: desde da elaboração dos testes e questionário até dar as opiniões. Com este aprendi que há muitas maneiras de estudar uma obra. Eu prefero o trabalho em grupo e é mais divertido e pareço-me com facilidade a melhorar. Eu penso que a nível da apresentação dos trabalhos ao grupo e da turma ~~deveriam~~ ^{deviam} ser melhor divididos todos os elementos deviam participar.

A proposta é Bom.